



Metilfenidato e Venvanse: o impacto na qualidade de vida dos estudantes de Medicina

Janaína do Vale Lopes ¹, Isadora Braga Ferreira Mattos ², Angelica Cristina Ribeiro Lagares ², Aluisya Karolyne Paiva de Sousa ³, Juliana Reis de Albuquerque ³, Arnóbio Silva Neto ³, Luiza Miranda Moraes de Carvalho ⁴, Raman Pacheco Pimentel ⁵, Marculina Barros de Carvalho Bolwerk ⁵, Bianca Alves Brugnaro ⁶, Sabrina Capila de Souza Santiago ⁶, Giovanna Vitoria de Souza Domingues ⁶, Edward de Araújo ⁶, Thaynata Castro Paulino de Carvalho ⁷, Thatiely Castro Paulino ⁷, Ramiely Castro Paulino ⁷.

REVISÃO SISTEMÁTICA

RESUMO

O metilfenidato e a lisdexanfetamina são dois psicoestimulantes frequentemente utilizados no tratamento de Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e narcolepsia. No entanto, observou-se um aumento preocupante no uso desses medicamentos entre estudantes de medicina que não possuem diagnóstico de TDAH ou qualquer outra condição clínica formal que justifique seu uso. O uso de ambos os medicamentos sem a devida prescrição e sem um diagnóstico formal pode ser motivado pela busca por melhorias no desempenho acadêmico, especialmente em ambientes de alta pressão como o curso de Medicina. No entanto, essa prática apresenta sérios riscos, não apenas devido aos efeitos colaterais potenciais e ao risco de dependência, mas também por questionar a real eficácia desses medicamentos em indivíduos saudáveis. Além disso, a automedicação com psicoestimulantes pode mascarar problemas subjacentes de saúde mental e exacerbar condições preexistentes. Trata-se de uma revisão sistemática da literatura, a qual investigou sobre o uso de anfetaminas para TDAH por estudantes de medicina, pela coleta de dados nas plataformas PubMed, LILACS, Periódicos CAPES, EMBASE e Scielo, dos últimos 5 anos. Assim, os estudos revisados destacam que a falta de supervisão médica e o uso indiscriminado de metilfenidato e lisdexanfetamina entre estudantes de medicina sublinham a necessidade urgente de regulamentação mais rigorosa e de campanhas educacionais que abordem os riscos associados ao uso não prescrito desses medicamentos. É crucial que intervenções sejam implementadas para promover uma compreensão mais profunda dos impactos do uso inadequado e para fornecer suporte adequado aos estudantes que possam estar lutando com problemas de desempenho acadêmico e saúde mental.

Palavras-chave: Psiquiatria; Medicina; Automedicação.

Methylphenidate and Vyvanse: the impact on the quality of life of medical students

ABSTRACT

Methylphenidate and lisdexamfetamine are two psychostimulants frequently used in the treatment of Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) and narcolepsy. However, there has been a worrying increase in the use of these medications among medical students who do not have a diagnosis of ADHD or any other formal clinical condition that justifies their use. The use of both medications without a proper prescription and without a formal diagnosis may be motivated by the search for improvements in academic performance, especially in high-pressure environments such as Medicine. However, this practice presents serious risks, not only due to potential side effects and the risk of dependence, but also because it questions the real effectiveness of these medications in healthy individuals. Additionally, self-medication with psychostimulants can mask underlying mental health problems and exacerbate preexisting conditions. This is a systematic review of the literature, which investigated the use of amphetamines for ADHD by medical students, by collecting data on the platforms PubMed, LILACS, Periódicos CAPES, EMBASE and Scielo, over the last 5 years. Thus, the studies reviewed highlight that the lack of medical supervision and the indiscriminate use of methylphenidate and lisdexamfetamine among medical students highlight the urgent need for stricter regulation and educational campaigns that address the risks associated with the non-prescribed use of these medications. It is crucial that interventions are implemented to promote a deeper understanding of the impacts of inappropriate use and to provide adequate support to students who may be struggling with academic performance and mental health issues.

Keywords: Psychiatry; Medicine; Self-medication.

Instituição afiliada – ¹FESAR, ²UNIPTAN, ³AFYA Jaboatão, ⁴UBA, ⁵AFYA Palmas, ⁶UNIGRANRIO, ⁷Universidad Privada del Este

Dados da publicação: Artigo recebido em 24 de Junho e publicado em 14 de Agosto de 2024.

DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n8p-1891-1906>

Autor correspondente: Lucas Oliveira Nepomuceno de Alcântara nepomucenolucas@hotmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



INTRODUÇÃO

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um distúrbio neurobiológico do desenvolvimento que se manifesta na infância e frequentemente persiste até a vida adulta. Caracterizado por um padrão persistente de desatenção, hiperatividade e impulsividade, o TDAH afeta significativamente o funcionamento acadêmico, social e ocupacional dos indivíduos acometidos. A prevalência global estimada para o TDAH varia entre 5% a 7% na população infantil, com uma taxa de persistência estimada de 50% a 60% para a vida adulta (Rosa et al., 2021).

O diagnóstico do TDAH é baseado em critérios estabelecidos pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), que classifica o transtorno em três apresentações principais: predominantemente desatento, predominantemente hiperativo-impulsivo e combinado. A apresentação desatenta é caracterizada por dificuldades na manutenção da atenção e no seguimento de instruções, enquanto a apresentação hiperativo-impulsiva é marcada por comportamentos excessivos de agitação e impulsividade. A apresentação combinada envolve sintomas de ambas as categorias (Wolraich et al., 2019).

O TDAH é multifatorial, com uma etiologia complexa que inclui componentes genéticos, neurobiológicos e ambientais. Estudos de genética comportamental sugerem que a hereditariedade desempenha um papel significativo no desenvolvimento do TDAH, com uma alta concordância entre gêmeos idênticos e um risco aumentado para parentes de primeiro grau de indivíduos diagnosticados com o transtorno. Neuroimagens e estudos neurofisiológicos têm identificado disfunções nas regiões cerebrais envolvidas no controle executivo, como o córtex pré-frontal, além de anomalias na neurotransmissão, especialmente relacionadas à dopamina e norepinefrina (Rosa et al., 2021).

Do ponto de vista neurobiológico, o TDAH está associado a um desequilíbrio na função dos sistemas dopaminérgico e norepinefrinérgico. As evidências indicam que há uma diminuição na disponibilidade de dopamina em áreas cerebrais responsáveis pelo controle do comportamento, atenção e motivação. As anomalias na função dos neurotransmissores e nas vias neuronais são refletidas em sintomas comportamentais

e cognitivos observados no transtorno (May et al., 2023).

Os sintomas do TDAH impactam severamente a qualidade de vida dos indivíduos afetados, manifestando-se em dificuldades acadêmicas, problemas de relacionamento e desafios no gerenciamento de tarefas diárias. A desatenção pode levar a erros por descuido e dificuldade em manter o foco, enquanto a hiperatividade e impulsividade estão frequentemente associadas a comportamentos disruptivos e dificuldades em regular emoções e respostas comportamentais (Menezes, Maia, 2021).

O tratamento do TDAH geralmente envolve uma abordagem multimodal, incluindo intervenções farmacológicas e psicossociais. A terapia comportamental e o treinamento de habilidades sociais são componentes importantes do tratamento não farmacológico, enquanto os medicamentos, como os psicoestimulantes e os não estimulantes, desempenham um papel crucial na modulação dos sintomas. Os psicoestimulantes, como o metilfenidato e as anfetaminas, são frequentemente utilizados devido à sua eficácia na melhora dos sintomas de desatenção, hiperatividade e impulsividade. Alternativas não estimulantes, como a atomoxetina, oferecem opções para pacientes que não toleram ou não respondem bem aos estimulantes (Cerqueira, Almeida, Cruz, 2021).

A gestão do TDAH requer uma avaliação contínua e um ajuste dinâmico das intervenções terapêuticas, levando em consideração a resposta clínica e os efeitos adversos dos tratamentos. O acompanhamento regular e a colaboração entre profissionais de saúde, pacientes e suas famílias são essenciais para otimizar os resultados terapêuticos e promover um manejo eficaz do transtorno ao longo do ciclo de vida (Menezes, Maia, 2021).

O Venvanse, cujo princípio ativo é o dimesilato de lisdexanfetamina, é um medicamento desenvolvido para o tratamento do TDAH e, em alguns países, também para a narcolepsia. Sua introdução no mercado ocorreu em 2007, após a obtenção de aprovação pela Administração de Alimentos e Medicamentos dos Estados Unidos (FDA) e por outras agências regulatórias internacionais (Carneiro, Gomes, Borges, 2021).

O Venvanse pertence à classe dos psicoestimulantes, especificamente à categoria dos anfetamínicos. Seu desenvolvimento buscou aprimorar o perfil de segurança e eficácia dos tratamentos disponíveis para TDAH, com o objetivo de oferecer

um medicamento que reduzisse os riscos associados ao abuso e à dependência, frequentemente observados com outros estimulantes. A lisdexanfetamina é um pró-fármaco que, após administração oral, é metabolizada no organismo para liberar a anfetamina ativa, proporcionando efeitos terapêuticos sustentados (Acheson et al., 2022).

O mecanismo de ação do Venvanse é predominantemente baseado na liberação e na modulação dos neurotransmissores dopamina e norepinefrina no sistema nervoso central. A lisdexanfetamina, como pró-fármaco, é convertida em anfetamina pela ação das enzimas hidrolíticas presentes no trato gastrointestinal e no fígado. A anfetamina, uma vez liberada, atua como um potente agonista dos transportadores de dopamina e norepinefrina, promovendo a inibição da recaptação desses neurotransmissores e facilitando sua liberação sináptica (Sônego et al., 2021).

Especificamente, a anfetamina se liga aos transportadores de monoaminas, como o transportador de dopamina (DAT) e o transportador de norepinefrina (NET), resultando na inibição da recaptação desses neurotransmissores e, conseqüentemente, no aumento de suas concentrações sinápticas. Esse efeito é associado à melhora dos sintomas do TDAH, incluindo desatenção, hiperatividade e impulsividade. Adicionalmente, a anfetamina promove a liberação de catecolaminas das vesículas pré-sinápticas, exacerbando ainda mais a disponibilidade dos neurotransmissores nas sinapses (May et al., 2023).

A farmacocinética da lisdexanfetamina demonstra uma absorção e metabolismo sustentados, com uma biodisponibilidade de aproximadamente 96% após administração oral. O pico de concentração plasmática da anfetamina ocorre cerca de 3 a 4 horas após a administração, com uma meia-vida terminal estimada de 10 a 13 horas. Essa farmacocinética propicia um perfil de ação prolongado, permitindo uma única dose diária para o controle eficaz dos sintomas ao longo do dia (Moreira et al., 2022).

Além de sua eficácia no tratamento de TDAH, o Venvanse é projetado para minimizar o potencial de abuso e dependência, devido ao seu status de pró-fármaco. A necessidade de metabolização para a forma ativa e a absorção lenta contribuem para a redução do potencial de euforia, um fator que frequentemente está associado ao uso recreativo de estimulantes (Minniti et al., 2021).

Portanto, a lisdexanfetamina representa um avanço significativo na farmacoterapia do TDAH, oferecendo um perfil de eficácia prolongada e um risco reduzido de abuso, contribuindo para o gerenciamento mais eficaz e seguro dos sintomas do transtorno.

O metilfenidato é um fármaco psicoestimulante que foi desenvolvido na década de 1940 e, inicialmente, sintetizado por Leandro Panizzon e colaboradores. A substância foi primeiramente introduzida no mercado em 1955 sob o nome comercial Ritalina®. O metilfenidato pertence à classe dos psicoestimulantes e é classificado quimicamente como um derivado da fenetilamina. Sua principal indicação terapêutica é o tratamento do TDAH e, ocasionalmente, da narcolepsia (Tolentino, Silva, 2019).

O mecanismo de ação do metilfenidato é complexo e não completamente elucidado, mas é amplamente reconhecido que ele atua principalmente como um inibidor da recaptção de dopamina e norepinefrina. Especificamente, o metilfenidato inibe de forma seletiva e potente os DAT e NET, localizados na membrana pré-sináptica dos neurônios. Esta inibição impede a recaptura dessas monoaminas, resultando em um aumento da concentração extracelular de dopamina e norepinefrina. Esse efeito é particularmente significativo em áreas cerebrais associadas à atenção e ao controle motor, como o córtex pré-frontal e os núcleos da base. A elevação dos níveis dessas neurotransmissores no sistema nervoso central contribui para a melhora dos sintomas associados ao TDAH, como a desatenção, hiperatividade e impulsividade (Rodrigues et al., 2021).

Além de sua ação sobre a recaptção de dopamina e norepinefrina, o metilfenidato também pode afetar outros sistemas neuroquímicos em menor grau. A modulação dos níveis de dopamina e norepinefrina é central para sua eficácia terapêutica, mas também é responsável pelos potenciais efeitos adversos e pelo risco de abuso associado a sua utilização. O metilfenidato apresenta uma farmacocinética que inclui rápida absorção gastrointestinal, alta biodisponibilidade, e uma meia-vida relativamente curta, o que influencia sua administração e eficácia clínica. Em suma, o metilfenidato, com seu mecanismo de ação bem caracterizado e aplicação terapêutica específica, desempenha um papel crucial no tratamento de condições neuropsiquiátricas, sendo necessário um manejo cuidadoso para minimizar os riscos

associados ao seu uso (Sônego et al., 2021).

O uso de psicoestimulantes, como a lisdexanfetamina (comercialmente conhecida como Venvanse), por acadêmicos de medicina que não possuem diagnóstico de TDAH tem se tornado um fenômeno crescente no ambiente acadêmico. A busca por aumento da concentração, resistência à fadiga e melhora na performance acadêmica tem levado alguns estudantes a recorrerem a esses medicamentos, tradicionalmente indicados para o tratamento de TDAH, como uma forma de potencializar seus desempenhos acadêmicos e otimizar suas rotinas intensas e exigentes (Praxedes, Figueiredo, 2021).

A rotina de um estudante de medicina é marcada por uma alta carga de trabalho, que inclui extensas horas de estudo, atendimentos práticos, estágios clínicos e preparação para exames altamente desafiadores. A pressão para manter um desempenho acadêmico excelente e a necessidade de absorver um grande volume de informações em um período relativamente curto frequentemente resultam em estresse elevado, fadiga mental e física, e potencialmente em transtornos relacionados ao sono e ao bem-estar geral. Nesse contexto, alguns estudantes recorrem a estimulantes como o Venvanse com a expectativa de melhorar a capacidade de concentração, aumentar a produtividade e prolongar o tempo de estudo sem a sensação de cansaço (Nasário, Matos, 2022).

A lisdexanfetamina, como um psicoestimulante de ação prolongada, atua aumentando os níveis de dopamina e norepinefrina no sistema nervoso central, o que pode levar a uma melhora na atenção e na vigilância. A sua utilização, no entanto, levanta preocupações significativas em relação à qualidade de vida dos usuários. A administração não supervisionada de Venvanse pode resultar em efeitos adversos, tais como insônia, diminuição do apetite, aumento da pressão arterial e, em casos extremos, distúrbios psiquiátricos como ansiedade e alterações do humor. A dependência e o potencial de abuso associados ao uso de estimulantes são também preocupações relevantes, uma vez que esses medicamentos têm uma estrutura química que pode levar a efeitos eufóricos e, subsequente, à necessidade de uso contínuo (Maciel et al., 2023).

Além dos impactos diretos sobre a saúde física e mental, o uso do Venvanse pode



alterar a dinâmica da qualidade de vida dos acadêmicos de medicina. Embora alguns estudantes possam relatar benefícios temporários na capacidade de estudo e desempenho acadêmico, o uso não regulamentado pode comprometer o equilíbrio entre estudo e vida pessoal, exacerbar o estresse e provocar uma dependência potencial, prejudicando assim a qualidade de vida a longo prazo. A automedicação com psicoestimulantes pode também interferir na aquisição de habilidades de gerenciamento de tempo e desenvolvimento de estratégias de estudo mais sustentáveis e saudáveis (Martins et al., 2020).

Com a crescente evidência do uso de estimulantes no ambiente acadêmico por indivíduos sem diagnóstico de TDAH, há uma necessidade premente de pesquisas que avaliem os efeitos do uso de Venvanse na qualidade de vida dos estudantes de medicina. Estudos bem delineados são necessários para investigar os impactos a longo prazo sobre a saúde física e mental desses indivíduos, a eficácia real do medicamento em termos de produtividade acadêmica e os possíveis efeitos colaterais associados ao uso não regulamentado.

Diante disso, uma investigação sistemática é necessária para avaliar sobre a eficácia e os riscos do uso de psicoestimulantes em contextos acadêmicos, oferecendo uma base para desenvolver diretrizes que promovam o uso responsável e informado desses medicamentos. Tal estudo contribuiria não apenas para uma melhor compreensão dos efeitos sobre a qualidade de vida dos estudantes, mas também para a formulação de políticas educacionais e de saúde que visem apoiar a saúde mental e o bem-estar dos futuros profissionais de medicina.

METODOLOGIA

Este estudo consiste em uma revisão sistemática da literatura focada em artigos científicos publicados nos últimos 5 anos, abordando sobre o uso do venvanse e do metilfenidato por acadêmicos de medicina e como essa administração dos fármacos impacta na qualidade de vida desses acadêmicos. A coleta de dados foi realizada através de uma pesquisa nas bases de dados eletrônicas PubMed, LILACS, Periódicos CAPES, EMBASE e Scielo, utilizando os descritores em ciências da saúde (DeCS) "Venvanse", "Metilfenidato" e "Acadêmicos de medicina".

Foram estabelecidos critérios de inclusão específicos para esta revisão

sistemática, abrangendo artigos científicos realizados com seres humanos ou animais e publicados nos últimos 5 anos, nos idiomas português, inglês e espanhol. Como critérios de exclusão, foram excluídos estudos com período de publicação anterior ao mencionado, duplicatas e aqueles que não abordaram sobre o uso do venvanse e do metilfenidato por acadêmicos de medicina e como essa administração do fármaco impacta na qualidade de vida desses acadêmicos.

A pesquisa resultou em 456 resultados, todos os quais tiveram seus resumos revisados. Após essa triagem inicial, que resultou na exclusão de 350 artigos, procedeu-se à leitura completa dos artigos selecionados, resultando na escolha de 5 estudos que abordavam o objetivo principal da análise, ou seja, sobre o uso do venvanse e do metilfenidato por acadêmicos de medicina e como essa administração do fármaco impacta na qualidade de vida desses acadêmicos.

Assim, durante a pesquisa, foram analisados os estudos, bem como a resposta obtida, e quais artigos apresentaram um esclarecimento a respeito do uso do venvanse e do metilfenidato por acadêmicos de medicina e como essa administração do fármaco impacta na qualidade de vida desses acadêmicos.

RESULTADOS

Os estudos tentam estabelecer uma relação entre o uso do venvanse e do metilfenidato por acadêmicos de medicina, estabelecendo a relação de efeitos e impactos na qualidade de vida desses indivíduos.

Este estudo, desenvolvido por Bacos et al., é uma revisão integrativa da literatura realizada nas bases de dados PubMed, LILACS e SciELO, com o objetivo de analisar o uso de lisdexanfetamina (LIS) por estudantes de medicina que não possuem diagnóstico de Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). A revisão revelou que aproximadamente 23,3% dos estudantes de medicina recorrem a substâncias psicoestimulantes, como o Venvanse e o Ritalin, para superar a fadiga e melhorar o desempenho acadêmico. Notavelmente, 57,1% desses indivíduos utilizam tais medicamentos sem prescrição médica ou diagnóstico formal, obtendo-os de forma ilícita através de amigos, parentes ou receitas falsas. A pesquisa constatou que o uso não regulamentado de LIS pode acarretar riscos significativos, incluindo ansiedade, arritmias cardíacas e glaucoma, e destaca que a ANVISA não reconhece a eficácia e

segurança de LIS fora das indicações terapêuticas estabelecidas. O estudo também aponta a ausência de dados científicos robustos que demonstrem benefícios substanciais do LIS para indivíduos saudáveis e sugere que o uso indiscriminado pode exacerbar problemas acadêmicos e de saúde. A conclusão enfatiza a necessidade urgente de mais pesquisas para compreender os impactos a longo e curto prazo do uso de LIS entre estudantes de medicina sem TDAH e para fomentar a conscientização sobre as implicações da automedicação com psicoestimulantes.

Este estudo, desenvolvido por Santos et al., revisou a literatura sobre o uso de psicoestimulantes, especificamente metilfenidato (Ritalina) e lisdexanfetamina (Venvanse), entre estudantes universitários, com foco na área da saúde. A metodologia consistiu em uma revisão sistemática de artigos científicos publicados nos últimos dez anos, selecionados nas bases de dados Scielo, Pubmed e USP. A análise revelou que esses medicamentos são amplamente utilizados para potencializar a capacidade cognitiva e combater déficits de atenção, depressão e ansiedade, particularmente em contextos acadêmicos de alta pressão, como o curso de Medicina. Observou-se que uma parte significativa dos usuários obtém os medicamentos de forma não regulamentada, sem prescrição médica. Os principais efeitos adversos associados ao uso não terapêutico desses fármacos incluem insônia, cefaleia, taquicardia, e um aumento do risco de condições pré-existentes, como ansiedade e arritmias cardíacas. Além disso, o estudo destacou que o uso não médico pode levar a efeitos colaterais graves e desenvolvimento de dependência, muitas vezes exacerbando condições psiquiátricas e psicológicas. Apesar dos benefícios percebidos, a eficácia real desses medicamentos para indivíduos saudáveis, sem diagnóstico clínico, é questionada, com evidências sugerindo que o efeito placebo pode desempenhar um papel significativo na percepção de melhora no desempenho cognitivo. Este trabalho conclui que a automedicação com psicoestimulantes representa um risco considerável para a saúde pública, sublinhando a necessidade de programas de conscientização e controle rigoroso do uso desses fármacos.

Este estudo, realizado por Teodoro et al., investigou o uso de Metilfenidato (Ritalina) e Dimesilato de lisdexanfetamina (Venvanse) entre acadêmicos de medicina, com foco na sua utilização sem prescrição médica. Utilizou-se uma abordagem metodológica de revisão sistemática, com busca em bancos de dados como SciELO,

PubMed, Bireme e BVS, filtrando artigos relevantes em inglês e português. Os critérios de inclusão foram artigos que abordassem o uso desses medicamentos em centros acadêmicos médicos. A análise revelou que, embora o Transtorno de Déficit de Atenção (TDAH) tenha uma prevalência mundial de 5% a 8%, há um aumento significativo do uso não autorizado de psicoestimulantes entre estudantes de medicina. Dados mostram que 41% dos universitários mineiros utilizam Metilfenidato, frequentemente sem prescrição médica, com acesso facilitado através de fontes ilegais na internet. Esse uso está frequentemente associado a altas demandas acadêmicas e estresse intenso. Apesar do uso indiscriminado, muitos estudantes desconhecem detalhes sobre o mecanismo de ação dos medicamentos. Os riscos associados ao uso inadequado incluem dependência, depressão, insônia, e, em casos extremos, alucinações e delírios. O estudo conclui que o uso não regulamentado desses fármacos representa uma grave preocupação de saúde pública e destaca a necessidade urgente de pesquisas adicionais e campanhas de conscientização para combater o uso impróprio e informar sobre os riscos potenciais.

Este estudo, promovido por Rousso et al., revisou a literatura existente sobre o uso não prescrito de metilfenidato e lisdexanfetamina entre estudantes de Medicina, com foco nas suas implicações para a saúde e no desempenho acadêmico. A metodologia envolveu uma análise crítica de diversos estudos publicados, abrangendo dados quantitativos e qualitativos sobre a prevalência e os efeitos desse uso off-label. Os resultados revelaram uma prevalência significativa do uso não prescrito dessas substâncias, com destaque para a prática frequente durante períodos de alta carga de estresse acadêmico, como exames e prazos de trabalhos. Os psicoestimulantes são utilizados com a expectativa de aumento do desempenho cognitivo e redução da fadiga, embora a literatura sugira que esses benefícios são frequentemente acompanhados por riscos consideráveis, como dependência, efeitos adversos neuropsiquiátricos e problemas cardiovasculares. A revisão apontou para a necessidade urgente de uma regulamentação mais rigorosa e de estratégias de intervenção para prevenir o uso inadequado desses medicamentos, além da importância de pesquisas futuras para uma compreensão mais precisa da extensão e das consequências desse fenômeno.

O estudo, desenvolvido por Amaral et al., revisou a literatura sobre o uso não prescrito de metilfenidato (MPH) por estudantes de medicina, focando em artigos publicados entre 2013 e 2019. Utilizando bases de dados como PubMed/Medline e



SciELO, foram identificados e avaliados 224 artigos, dos quais 25 foram selecionados para uma análise mais aprofundada. A revisão revelou uma alta variabilidade no consumo de MPH, com a maior prevalência observada em estudantes da América Latina. Destacaram-se os dados de Porto Rico (47,4%) e Paraguai (45%), seguidos por uma taxa de 34,2% no Rio Grande do Sul, Brasil. Comparativamente, taxas mais baixas foram registradas em outros países, como os EUA (18%), Israel (17%), e o Paquistão (9%). Em termos de uso, observou-se que a prevalência de consumo de MPH por estudantes de medicina variou, com alguns estudos indicando que até 23,7% dos alunos já utilizaram o medicamento em algum momento para melhorar o desempenho acadêmico. O estudo sublinha a necessidade de maior conscientização sobre os riscos associados ao uso inadequado de estimulantes e a importância de intervenções preventivas para proteger a saúde e o desempenho acadêmico dos estudantes de medicina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a presente análise integrada dos estudos revisados revela um panorama significativo do uso não prescrito de psicoestimulantes, especialmente metilfenidato (Ritalina) e lisdexanfetamina (Venvanse), entre estudantes de medicina. Os dados indicam que uma proporção considerável de acadêmicos recorre a esses medicamentos na tentativa de melhorar o desempenho acadêmico e enfrentar as demandas intensas do curso de medicina, frequentemente sem orientação médica ou diagnóstico clínico formal. A prevalência do uso não regulamentado é alarmantemente alta, com variações significativas dependendo da região, com destaque para as elevadas taxas observadas na América Latina e em algumas regiões do Brasil. As evidências apontam para um uso crescente dessas substâncias, com relatos de que até 57,1% dos usuários obtêm os medicamentos de forma ilícita, como através de amigos, familiares ou receitas falsas.

Os efeitos adversos associados ao uso indiscriminado de psicoestimulantes são preocupantes e incluem uma gama de problemas de saúde, desde sintomas neuropsiquiátricos, como ansiedade e insônia, até condições cardiovasculares graves, como arritmias cardíacas. A utilização não autorizada desses medicamentos não só expõe os indivíduos a riscos significativos de dependência e complicações de saúde, mas também questiona a eficácia real desses fármacos em indivíduos saudáveis, uma vez



que muitos dos benefícios percebidos podem ser atribuídos a efeitos placebo.

É imperativo que mais pesquisas sejam conduzidas para aprofundar a compreensão dos impactos a curto e longo prazo do uso não prescrito de psicoestimulantes. Estudos futuros devem focar em avaliar de forma robusta a real eficácia desses medicamentos em indivíduos sem diagnósticos clínicos e investigar os efeitos adversos associados ao seu uso inadequado. Além disso, é crucial desenvolver e implementar estratégias preventivas e educativas direcionadas aos estudantes de medicina e outras populações acadêmicas, com o intuito de mitigar os riscos associados à automedicação com psicoestimulantes. Tais medidas são essenciais para promover uma abordagem mais segura e informada sobre o uso de medicamentos psicoestimulantes e proteger a saúde e o bem-estar dos estudantes em ambientes acadêmicos exigentes.

REFERÊNCIAS

ACHESON, L. S. et al. Lisdexamfetamine for the treatment of acute methamphetamine withdrawal: A pilot feasibility and safety trial. *Drug and Alcohol Dependence*, v. 241, p. 109692–109692, 2022.

AMARAL, N. A. et al. Precisamos falar sobre uso de Metilfenidato por estudantes de medicina - revisão da literatura. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 46, n. 2, 2022.

BACOS, B. G. et al. Harm caused by the use of lisdexamfetamine to increase the academic performance of medical students: integrative review. *Journal of Medical Residency Review*, v. 3, n. 00, p. e057–e057, 2024.

CARNEIRO, N. B. R.; GOMES, D. A. DOS S.; BORGES, L. L. Perfil de uso de metilfenidato e correlatos entre estudantes de medicina. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 13, n. 2, p. e5419, 2021.

CERQUEIRA, N. S. V. B.; ALMEIDA, B. DO C.; CRUZ JUNIOR, R. A. Uso indiscriminado de Metilfenidato e Lisdexanfetamina por estudantes universitários para aperfeiçoamento



cognitivo. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 7, n. 10, p. 3085–3095, 2021.

MACIEL FD, et al. Segurança e eficácia do dimesilato de lisdexanfetamina em transtorno de déficit de atenção e hiperatividade: uma revisão literária. *Research, Society and Development*, 2023.

MARTINS MF, et al. Consumo de psicoestimulantes como potenciadores cognitivos por estudantes de Medicina de Universidad Nacional de Córdoba. *Revista de La Facultad de Ciencias Médicas de Córdoba*, 2020.

MAY, T. et al. The Australian evidence-based clinical practice guideline for attention deficit hyperactivity disorder. *Australian & New Zealand Journal of Psychiatry*, v. 57, n. 8, p. 1101–1116, 2023.

MENEZES, J. W. R. DE; MAIA, J. L. F. Uso de metilfenidato nos estudantes da graduação de medicina em universidades brasileiras: uma revisão bibliográfica. *Revista Eletrônica Acervo Científico*, v. 25, p. e7616, 2021.

MINNITI G, et al. O consumo de drogas psicoestimulantes entre estudantes de medicina. *Brazilian Journal of Health Review*, 2021.

MOREIRA SC, et al. O uso do cloridrato de metilfenidato e seus fatores influenciadores na vida de jovens estudantes do curso de Medicina. *Research, Society and Development*, 2022.

NASÁRIO BR e MATOS MP. Uso Não Prescrito de Metilfenidato e Desempenho Acadêmico de Estudantes de Medicina. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 2022.

PRAXEDES MDS e FIGUERÊDO SFG. O uso de metilfenidato entre estudantes universitários no Brasil: Uma Revisão Sistemática. *Revista de Ciências Da Saúde Nova Esperança*, 2021.

RODRIGUES, L. DE A. et al. Uso não prescrito de metilfenidato por estudantes de uma universidade brasileira: fatores associados, conhecimentos, motivações e percepções. *Cadernos*



Saúde Coletiva, v. 29, n. 4, p. 463–473, 2021.

ROSA AF, et al. O uso de Metilfenidato (Ritalina®) por estudantes de Medicina de um Centro Universitário de Porto Velho. Revista Eletrônica Acervo Saúde, 2021

ROUSSO, I. R. et al. O uso sem prescrição médica de Metilfenidato e Lisdexanfetamina por estudantes de Medicina. Revista Eletrônica Acervo Médico, v. 24, p. e15977–e15977, 2024.

SANTOS, M. E. B. V. et al. USO DE METILFENIDATO E LISDEXANFETAMINA POR UNIVERSITÁRIOS DA ÁREA DA SAÚDE: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA. Revista Corpus Hippocraticum, v. 2, n. 1, 2022.

SÔNEGO, M. et al. Exploring the association between attention-deficit/hyperactivity disorder and entrepreneurship. Brazilian Journal of Psychiatry, v. 43, n. 2, p. 174–180, 2021.

TEODORO, J. H. F. et al. O uso de metilfenidato e dimesilato de lisdexanfetamina por estudantes universitários de medicina: uma revisão da literatura. Revista Remecs - Revista Multidisciplinar de Estudos Científicos em Saúde, p. 44–44, 2023.

TOLENTINO, J. E. de F.; SILVA NETTO, J. P. da. O uso off label de metilfenidato entre estudantes de medicina para aprimoramento do desempenho acadêmico. Comunicação em Ciências da Saúde, Brasília, v. 30, n. 01, 2019

WOLRAICH, M. L. et al. Clinical Practice Guideline for the Diagnosis, Evaluation, and Treatment of Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder in Children and Adolescents. PEDIATRICS, v. 144, n. 4, 2019.